

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS FREIRIANOS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CAMINHO INSURGENTE CONTRA OS PARADIGMAS DO MUNDO NEOLIBERAL

Aline Manetta Perticarati Fornazari Guerra ¹
Andresa de Sousa Ugaya (Orientadora) ²

RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado “Ginástica para todos da escola: pressupostos teóricos freirianos para caminhos de insurgência” que foi realizada por meio de uma pesquisa-ação pedagógica e crítica (Ghedin; Franco, 2008; Franco; Betti, 2018). Seu objetivo geral foi compreender a dimensão educativa de uma práxis pedagógica envolvendo a GPT e a educação libertadora proposta por Paulo Freire a partir de temas geradores. A análise e discussão dos dados foram elaboradas utilizando como referencial teórico a triangulação dos dados (Minayo et al, 2005), os quais foram levantados por meio do diário de bordo docente, registro crítico de estudantes, filmagens e transcrição de momentos dialógicos. Com a análise chegamos a dois paradigmas importantes que perpassam a educação física escolar. O primeiro diz respeito a fragmentação da práxis pedagógica em partes teóricas e práticas, restringindo o componente curricular a uma natureza de cunho prático e o segundo é o entendimento sobre aulas expositivas que circulam no senso comum e acabam, na maior parte das vezes, se referindo às aulas ministradas dentro da sala de aula, principalmente no contexto da educação bancária denunciada por Freire (2023). No caso da educação física escolar, fundamentada nos pressupostos teóricos freirianos, problematizar diferentes práticas corporais é urgente, principalmente quando buscamos a superação de gestos e movimentos apresentados de forma reprodutivista e descontextualizada da realidade que se apresenta. A práxis pedagógica em questão, ao propor diferentes vivências envolvendo concomitantemente a mediação e orientação de diálogos críticos que levassem à reflexão entre saberes populares e saberes científicos de resistência, como os momentos dialógicos, momentos de leitura, pesquisa, apreciação estética, entre outros, mostrou que esses atos corporais fazem parte do caminho de construção de corpos conscientes que buscam desvelar circunstâncias de opressão que cada situação de aprendizagem apresenta ao ser tematizada e problematizada.

Palavras-chave: pressupostos teóricos freirianos, educação física escolar, ginástica para todos.

INTRODUÇÃO

O ano é 2022, quando nos deparamos com o popularmente chamado do ‘novo normal’. Após dois anos de isolamento social, devido a pandemia de Sars COVID-19, era

¹ Doutoranda do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP, [aline](#);

² Doutora pelo Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP e Docente do curso de Educação Física da Universidade Estadual Júlio de Mesquita UNESP/Bauru. cautor1@email.com;

O artigo é parte de Dissertação de Mestrado pelo Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Física (PROEF) campus UNESP/Bauru realizado com bolsa de pesquisa CAPES/CNPQ.



hora de retornarmos à escola. Como docente responsável pelas aulas de Educação Física, observei diversas situações e expressões de agressividade e ansiedade e uma expressiva dificuldade de dialogar de grande parte da comunidade escolar, especialmente entre estudantes. Na minha percepção de professora, ao observar os gestos, ouvir os relatos, me deparar com a participação tímida e, muitas vezes, resistente da turma, e até mesmo o afastamento das aulas, me contavam que as/os estudantes tinham muito a compartilhar sobre o que viveram e o que estavam vivendo, mas não sabiam como.

Esse também foi o ano do meu ingresso no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho no campus Bauru. O momento de intenso estudo e dedicação para prestar o processo seletivo para o programa, me proporcionou o reencontro com a obra de Paulo Freire e, como consequência, provocou uma profunda reflexão sobre minha práxis docente.

Ao ser inundada por inúmeras inquietações, convidei as turmas a pensarem e dialogarem sobre os motivos de sua participação ou não nas aulas de Educação Física. A partir de dinâmicas de grupo e individuais, registradas de forma escrita por estudantes e por mim, iniciei uma primeira proposta de práxis pedagógica pautada em temas geradores (Freire, 1987) e a construção coreográfica coletiva em Ginástica Para Todos (GPT).

A escolha por essa modalidade se deu a partir de seu processo de construção coletiva de coreografias em que as tomadas de decisão devem, democraticamente, beneficiar a coletividade (Toledo, 2014). Ao valorizar diferentes vozes, ensinando que todas devem ser escutadas, convida estudantes a comporem narrativas expressando sua cultura e da sua comunidade em diálogo com jogos, esportes, danças, artes cênicas, lutas, entre outras práticas corporais (Paoliello et al, 2014).

Essa experiência trouxe alguns desassossegos partilhados nos momentos de orientação do programa de mestrado e culminou na elaboração do projeto de pesquisa cujos questionamentos foram: é possível, a partir da perspectiva dialógica proposta por Paulo Freire, acolher inquietações de adolescentes nas aulas de Educação Física? Pode uma práxis pedagógica pautada em temas geradores auxiliar nesse processo? Através da construção coletiva de coreografias em GPT, como envolver alunas e alunos em caminhos reflexivos sobre um tema pela turma apresentado?

Encontrei nesses momentos não só o acolhimento para as inquietações, mas também o diálogo crítico e reflexivo tendo o rigor metodológico como referência. E assim, buscamos, como objetivo geral da pesquisa, compreender a dimensão educativa



de uma práxis pedagógica envolvendo a GPT e a educação libertadora proposta por Paulo Freire.

A perspectiva dialógica guiou o caminho de tematização e problematização, evidenciando o caráter do saber transitório, da compreensão ingênua à consciência crítica, em que estudantes, corpos conscientes, protagonizaram toda a dimensão educativa a partir de seus temas geradores.

Foi nessa busca por desvelar a realidade da práxis pedagógica que nos deparamos com dois paradigmas importantes que perpassam a educação física escolar e que se tornaram o objeto de estudo deste trabalho, um dos inúmeros recortes que encontramos no intenso caminhar dialógico que foi a construção da dissertação.

O primeiro diz respeito a fragmentação da práxis pedagógica em partes teóricas e práticas, restringindo o componente curricular a uma natureza de cunho prático e o segundo é o entendimento sobre aulas expositivas que circulam no senso comum e acabam, na maior parte das vezes, se referindo às aulas ministradas dentro da sala de aula, principalmente no contexto da educação bancária denunciada por Freire (2023).

Por aqui, o que propomos é a partilha dos anúncios encontrados na práxis pedagógica da GPT da Escola (Guerra, 2024) como possibilidade de superação desses paradigmas que convergem com a dicotomia entre o ativismo da prática e o verbalismo da teoria denunciada por Freire (2023). A GPT defendida aqui está longe de ideias estereotipadas e estigmatizadas que afirmam a cultura dominante e o fazer pelo fazer, valorizando a pluralidade e a diversidade dos saberes populares e dos saberes científicos de resistência.

A partir das inspirações provocadas pela educação libertadora, entendemos que uma práxis freiriana, precisa romper com procedimentos didáticos rígidos impostos pelos currículos oficiais e dar lugar a experiências docentes que possam interpretar, traduzir, negociar e recriar as políticas educacionais e as propostas curriculares como resistência aos modelos de educação de mercado e discursos neoliberais e neoconservadores que se apresentam na sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

Com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Júlio de Mesquita Filho / UNESP, Campus Bauru, através do Parecer de nº 6.216.756 e com autorização de responsáveis legais pelo Termo de Consentimento Livre



e Esclarecido (TCLE), 63 estudantes do 9º ano de uma unidade educacional (U.E) da Rede Municipal de Educação de SP (RME/SP), localizada na zona norte da cidade, aceitaram integrar este projeto de pesquisa assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e protagonizaram a práxis pedagógica aqui compartilhada.

Liberdade de expressão e censura, machismo e a violência contra as mulheres e cultura urbana, foram os temas geradores que guiaram o caminho dialógico de investigação temática, problematização e construção coletiva de coreografias em GPT das turmas do 9o ano A, 9o ano B e 9o ano C, respectivamente, culminando no Trabalho Coletivo de Autoria (TCA) da unidade educacional apresentado em uma emocionante Tarde de Gala no Anfiteatro do Centro Educacional Unificado (CEU) da Freguesia do Ó.

Por meio de uma pesquisa-ação pedagógica e crítica (Ghedin e Franco, 2008; Betti, 2018), o rigor metodológico apresentado por Freire (2023) fundamentou a práxis pedagógica que contou com constantes momentos dialógicos a partir de apreciações estéticas, leitura de diferentes referenciais literários, artes cênicas, exploração gestual de materiais não convencionais, deslocamentos, figuras e construções coreográficas e atividades interdisciplinares.

Registros desses momentos no diário de bordo da docente (Ghedin e Franco, 2008), no registro crítico de estudantes, em fotos, filmagens e a na transcrição de momentos dialógicos realizados entre profissionais da U.E e estudantes de cada turma após as apresentações das coreografias na Tarde de Gala, foram analisados através da triangulação dos dados proposta por Minayo et al. (2005, p. 91) que pressupõe o uso de várias técnicas qualitativas combinadas buscando “construir um conhecimento mais aprofundado da realidade”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Iniciamos esse diálogo com a literatura a partir das seguintes provocações realizadas por Freire (2017) em uma carta endereçada aos professores de educação física da cidade de São Paulo quando esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação, “O que é o ato de educar? De que maneira a Educação Física se coloca como ferramenta para esse ato?”.

Nesse documento Freire questiona a nossa formação cultural que “privilegia o aspecto técnico em detrimento do filosófico” e aponta essa dicotomia cabeça/corpo



herdada da educação e cultura grega em que corpos eram preparados para a disciplina necessária que garantiria a defesa e o funcionamento da cidade através da prática de exercícios físicos e as cabeças eram preparadas para governá-las.

Era como se estivessem formando meios-homens que viriam a ser instrumentos fundamentais para uma sociedade do trabalho. Apontou que essa ordem que era almejada com a disciplina só poderia ser alcançada através da domesticação das consciências e dos corpos, da violação da espontaneidade, da repressão dos desejos, do bloqueamento das emoções. Para ele, “a artificialidade dos exercícios físicos que impõem vontades e movimentos que não são nossos e nos preparam para a competição, são peças fundamentais para o sucesso dessa ordem social erguida sobre a violência e a escravização de muitos homens a alguns senhores” (FREIRE, 2017).

Esses mesmos ideais neoliberais foram intensificados no cenário político, econômico e também educacional brasileiro a partir de 2016, quando deram o tom da construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos demais documentos oficiais no âmbito da educação em diferentes esferas do governo. Cara (2019) e Mordentea (2023) denunciam sua concepção neotecnista que busca construir sujeitos disciplinados, alienados de si e do contexto social, como caminho para o ingresso no mercado de trabalho (Bossle, 2019; Neira, 2019; Bonetto, 2021) corroborando com as reflexões de Freire na década de 90.

Entendemos que esse contexto definiu a escolha dos objetivos e dos objetos de aprendizagem elencados para cada componente curricular e com a educação física não foi diferente.

Nos atentaremos aqui ao eixo temático ginásticas, objeto de estudo desse artigo, a partir da BNCC, que propõe as ginásticas de condicionamento físico como objetivo de aprendizagem para estudantes de 6º e 7º anos, acrescentam as ginásticas de conscientização corporal como objetivo de aprendizagem para estudantes de 8º e 9º anos e apontam a Ginástica Geral (GG) para estudantes do 1º ao 5º ano.

Em 2006, segundo Toledo, Tsukamoto e Carbinatto (2016), a Federação Internacional de Ginástica (FIG) publicou um comunicado com a mudança do nome GG para GPT buscando evidenciar o aspecto democrático da modalidade que é vista pela instituição como uma “atividade” a ser oferecida para todos os gêneros, grupos etários e níveis de habilidades primando pela diversão, condicionamento, fundamentos ginásticos e pela amizade, incluindo ou não o uso de aparelhos, dança e jogos.



[...] reúne as diferentes interpretações da ginástica (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica etc.), integrando-as com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes.

Ayoub (2022) corrobora propondo como caminho para a GPT a pedagogia da diversidade que, de forma emancipatória, humanizadora e democrática, a partir de estudos decoloniais, antirracistas e de equidade de gênero, assuma a construção de histórias que possam empoderar, humanizar e reparar dignidades despedaçadas.

Refletindo sobre a indagação de Freire em relação a Educação Física como ferramenta do ato de educar, encontramos em Prodócimo, Spolaor e Leitão (2021) o entendimento de que esse componente curricular seja responsável pela práxis pedagógica no trato da cultura corporal, relacionando experiências gestuais e perceptivas de ser no e



com o mundo, sem desvinculá-las de seu contexto social e cultural. Assim, cabe a ela tematizar as diferentes manifestações culturais e práticas corporais com seus valores, significados, discursos e modos de agir, não de maneira mecânica e reprodutivista, mas aprofundando, problematizando e possibilitando, através do diálogo, o posicionamento crítico consciente de sua presença no mundo comprometida com a justiça social.

Através de diversificadas estratégias de aprendizagem, docentes podem exercitar a liberdade para artistarem sua práxis pedagógica propondo, a partir dos temas levantados com suas turmas, diferentes vivências da prática corporal envolvendo concomitantemente a mediação e orientação de diálogos críticos que levem à reflexão entre saberes populares e saberes científicos de resistência.

As possibilidades de ampliação da leitura de mundo a partir de uma práxis pedagógica crítica são infinitas: leitura de livros; apreciação de filmes e documentários; acesso a perfis de redes sociais; jornais e revistas; *podcasts*; músicas; visitas a museus, espaços culturais, entre tantas outras, evidenciando que cada ação tem sua importância dentro desse caminho coletivo e autoral que busca a construção de inéditos-viáveis.

Ao entender a experiência em diferentes situações de aprendizagem como atos corporais, essenciais para o desvelamento das situações de opressão, em um constante, profundo e transitório movimento da compreensão ingênua à consciência crítica é que pensamos a educação física libertadora, um caminhar infinito de ações, reflexões e ações, chamado práxis (Prodócimo, Spolaor e Leitão, 2021).

A problematização de diferentes práticas corporais é urgente, principalmente quando buscamos a superação de gestos e movimentos apresentados de forma reprodutivista e descontextualizada da realidade que se apresenta.

Entendemos aqui a GPT como um ato de resistência nas escolas, ao assumir uma postura de superação da reprodução de movimentos e coreografias estereotipadas e tornar-se, verdadeiramente, uma possibilidade de produção de conhecimento crítico em busca da transformação social, o que não identificamos como uma proposição de aprendizagem da ginástica na BNCC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

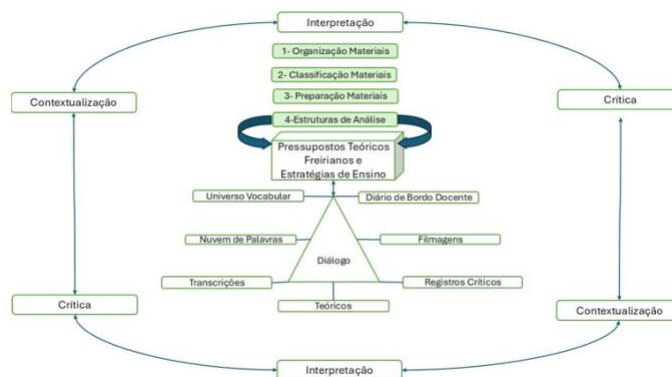
Pensei em tudo que rolou esse ano.
Pensei o quanto eu evolui.
Pensei o quanto evoluímos e insistimos para chegar até aqui.
A censura tentou nos parar,
Você tentou nos calar,



As vezes tentou nos matar,
mas nos convenceu que até nosso corpo iria te atraparlar.
Nos convenceu que nós só sabíamos errar.
Nos convenceu a nos matar de trabalhar.
E no fatídico "setembro amarelo" espalhou cartazes achando que iria ajudar.
Na real, você é a razão de aqui eu não querer estar.
Você é a razão de eu não querer estudar.
Você é a razão pra tanto aluno a escola abandonar.
Porque você me abandonou.
Quando tentei me expressar você me ignorou.
Do poder você abusa e abusou.
E agora do veneno você provou.
Minha revolta não é de hoje, é de anos.
Não é de agora que você destrói os meus planos.
SIM! Revoltados estamos!
Vocês não vão mais me cobrir com seus "panos".
Vocês querem que a gente concerte o mundo que vocês estragaram.
Vocês querem que a gente pague a conta que vocês não pagaram.
E vocês querem que nós sejamos tudo que vocês não foram,
Porque foi pra isso que vocês nos criaram.
E agora vocês se perguntam:
"Por que os alunos se revoltaram"?
Isso é Hilário!!
(Slam declamado por B, 9º A)

Como primeiro movimento, Gomes et al. (2005, p. 185) sugerem a organização dos materiais que serão submetidos à interpretação qualitativa através de uma classificação a partir da forma como foram construídos. Ao preparar e reunir o material, indicam uma classificação inicial a partir da avaliação da qualidade dos dados e elaboração de estruturas de análise entendida como uma construção teórica identificando aproximações sucessivas que levam à possibilidade de categorização seguido de uma dinâmica que, ao mesmo tempo, realize a contextualização, a crítica, a comparação e a triangulação. As autoras e autores explicam que é difícil descrever esse processo de trabalho, pois trata-se de um caminho e uma orientação teórica do pensamento que acontecem de forma inseparável.

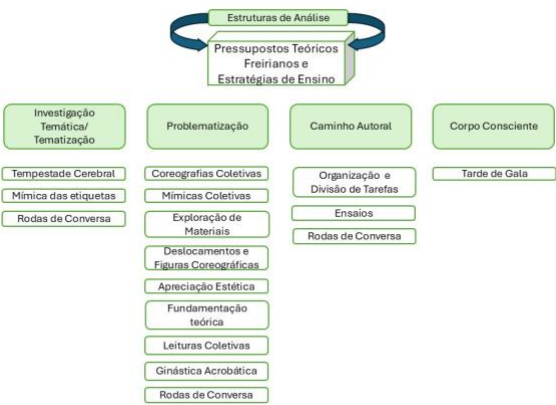
Figura 11: Primeiro movimento da Triangulação de Dados



Fonte: Criado pela autora com adaptação dos estudos de Gomes et al. (2005), 2024.

A primeira estrutura de análise compreende os pressupostos teóricos freirianos, sendo eles a investigação temática, a problematização, o caminho autoral e o corpo consciente e envolve a segunda estrutura de análise que compreende as estratégias de ensino empregadas em cada um deles como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 12: Segundo movimento – Análise contextualizada e triangulada dos dados



Fonte: Criado pela autora com adaptação dos estudos de Gomes et al. (2005), 2024.

Olhando para esses dois movimentos a partir de provocações deixadas por Freire (2023) e Freire e Shor (2022) chegamos a duas categorias que orientaram o diálogo com os dados e entre os dados, “Rompendo a cultura do silêncio - a práxis pedagógica em GPT a partir de temas geradores” e “Do medo à rebeldia”, que apresentou a “GPT da escola” e o seu processo criativo como caminho de insurgência e compartilhou inspirações sobre ser docente nesse caminhar como professora de educação física em escola pública.

A primeira categoria, referência para a escrita dessa reflexão, descreveu a práxis pedagógica realizada a partir dos pressupostos freirianos, do universo temático ao processo de tematização, codificação e problematização dos temas geradores a partir de diferentes estratégias de aprendizagem vivenciadas por estudantes nas aulas de educação física. O encontro entre os registros realizados pela docente e por estudantes em seus diários de campo e registro crítico, respectivamente, o olhar atento e amoroso aos registros fotográficos e filmagens realizados em constante diálogo com o referencial



teórico nos permitiu identificar o caminho autoral experienciado como um lugar de saber transitório da consciência ingênua à consciência crítica, do corpo oprimido ao corpo consciente.

É nesse lugar de saber transitório que identificamos a potência de práxis pedagógicas insurgentes que entendem que tanto os momentos dialógicos quanto os momentos de leitura coletiva de livros e reportagens, pesquisa, apreciação estética de filmes, artes, coreografias, mímicas coletivas entre outros, são atos corporais que fazem parte do caminho de construção de corpos conscientes. Superar a lógica de reprodução acrítica de gestos motores característicos da educação neoliberal, buscando o desvelamento das circunstâncias de opressão que cada situação de aprendizagem apresenta ao ser tematizada e problematizada é um anúncio de uma educação física outra.

O diálogo entre o próprio grupo de estudantes foi incentivado, a partir de diferentes propostas de construção coletiva e apresentação de cenas e coreografias em GPT que representassem sua realidade, seus temas geradores, promovendo situações em que pudessem se organizar de forma autônoma para apresentar seus discursos, sua leitura de mundo para então mergulhar em novos momentos de diálogo e novas possibilidades de problematização.

“Era como se, de repente, rompendo com a ‘cultura do silêncio’ descobrissem que não apenas podiam falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, seu mundo, era uma forma de refazê-lo” (FREIRE, 1992, p. 40).

As narrativas criadas por estudantes durante a práxis pedagógica e compartilhadas nas coreografias em GPT apresentadas na Tarde de Gala, mostraram o potencial da modalidade ao exteriorizar o que desejavam transmitir através de movimentos carregados de intenções e sentidos, corroborando com Sborquia (2008) que entende a expressão corporal como veículo de comunicação e estética. Percebemos como Camargo (2021) que a proposta pedagógica freiriana que valoriza a cultura da vida cotidiana em unidade com o rigor científico, a ousadia, o intelectual e a imaginação criadora como um caminho que pode levar à consciência crítica e de corpos conscientes.

A GPT da escola é uma potência dentro da EFE, uma vez que mostrou contribuir com a construção dessa sociedade outra que combate a opressão, a desumanização através das suas infinitas possibilidades pedagógicas que nos levaram à essa escrita.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A práxis teve sua culminância em uma Tarde de Gala no anfiteatro do Centro Educacional Unificado da Freguesia do Ó que mobilizou estudantes, trouxe novas dimensões para a equipe docente através do diálogo interdisciplinar entre docentes, gestores que assumiram o grupo de adolescentes como detentores de saber, como queria Paulo Freire quando Secretário de Educação da cidade de São Paulo.

A defesa da GPT da Escola, pautada nos pressupostos teóricos freirianos, corrobora com a denúncia feita por Freire (2023) em relação à dicotomia entre o ativismo da prática, prática sem teoria e o verbalismo da teoria, teoria sem prática. Através dos processos de codificação e decodificação que essa práxis promoveu, foi possível identificar a tomada de consciência da maior parte de estudantes que se envolveram e participaram dessa construção.

Nos deparamos com construções coreográficas que superaram a preocupação com a estética de movimentos e corpos padronizados e perfeitos e, ao invés disso, se reconheceram enquanto corpos conscientes potentes e organizados coletivamente em busca da superação dos lugares de opressão. Foi assim que sentimos e entendemos o real objetivo dessa GPT insurgente: “Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é” (FREIRE, 2023b, p. 64).

Ao protagonizarem a práxis pedagógica em cenas e coreografias, trazendo à tona seus temas geradores, suas vozes, sua leitura de mundo, estudantes puderam se contrapor à educação neoliberal. Vimos criações coreográficas carregadas de sentidos, emoções e mensagens autorais. Vimos corpos conscientes denunciando múltiplas opressões.

Foi possível observar nesse grupo a alegria como potência, como resistência corroborando com o legado de Paulo Freire que espera que estudantes se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total (Freire, 2023b, p. 76).

REFERÊNCIAS

BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

BONETTO, P. X. R. Base Nacional Comum Curricular e Currículo da Cidade: alinhamento total. *Jornal de Políticas Educacionais*. v. 15, e78850. Abril de 2021.



BOSSLE, F. Atualidade e relevância na educação libertadora de Paulo Freire na educação física escolar em tempos de “EDUCAÇÃO S/A”. In: SOUSA, C; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D.T. (orgs). Educação Física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo. V. 38. 2019. Curitiba: CRV. p. 17-32.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 22 abril 2024.

CARA, D. O que Paulo Freire e Anísio Teixeira diriam sobre a BNCC? In: Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC. CÁSSIO, Fernando; CATELLI JR, Roberto. – São Paulo: Ação Educativa, 2019, p. 85-92.

FREIRE, P. **Carta aos professores de educação física**. Publicado em meio digital em 2017. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/755d5ff6-e1ad-491d-805d-0c72540f5c8b>. Acesso em: 02 fev. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 85. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução Adriana Lopes. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FÁTIMA, C. V., UGAYA, A. S. Ginástica para Todos e pluralidade cultural: movimentos para criar novos pensamentos. In: OLIVEIRA, Michelle F.; TOLEDO, Eliana de (orgs.) Ginástica para todos, possibilidades de formação e intervenção. Anápolis: Editora UEG, 2016. p. 141-154.

GHEDIN, E. FRANCO, M.A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MINAYO, M. C. *et al.* Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: Minayo, Maria Cecília de S.; Assis, Simone G. de; Souza, Edinilsa, Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos** – abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 71-104.

MORDENTEA, G.V. Neoliberalismo escolar e processos de subjetivação: como a educação “inovadora” opera? 2023. 255 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Escola Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023

PAOLIELLO, E.; TOLEDO, E.; AYOUB, E.; BORTOLETO, M. A. C.; GRANER, L. **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

TOLEDO, E. A Ginástica Geral e a Pedagogia da Autonomia. In: III Fórum Internacional de Ginástica Geral. **Anais**. Campinas: 2005. p. 73-76.

